

Montebelo Vista Alegre Ílhavo Hotel

Curiosidades Vista Alegre

Camelos

No início da actividade da Fábrica da Vista Alegre, um dos principais problemas passavam pela dificuldade na distribuição dos produtos. As estradas eram péssimas ou inexistentes. As poucas vias de comunicação existentes, muito suportadas nos cursos de água, não permitiam levar os produtos aos clientes dos principais centros urbanos. A ria e os seus afluentes ainda eram a alternativa mais viável, pois face ao tipo de viaturas sem molas e às fracas opções de acondicionamento e protecção das peças para transporte, existentes à época, a maioria das encomendas chegavam em cacos ao seu destino. Para obviar a este problema e facilitar o envio dos seus produtos para os núcleos urbanos onde estava a maioria dos seus clientes, a Vista Alegre fez uma opção radical. Mandou vir uma cáfila do norte de África... precisamente vários camelos! E passou a fazer-se o transporte das louças em camelos, que faziam preferencialmente o percurso ao longo da costa, para aproveitar as areias, que os camelos conheciam bem e que amorteciam os impactos protegendo a frágil porcelana... Ficaram na memória condutores de camelos como o “Carocho” e o “Campanhã”! Conta-se ainda hoje, que o espanto das populações era tanto que, certa vez em Condeixa, o povo interrompeu a missa e saiu da igreja para admirar a exótica comitiva. Quem não gostou nada da debandada foi o padre, que se zangou com a população, segundo reza a tradição local que chegou aos nossos dias...

Guerra e...pratos

A guerra civil diminuiu drasticamente a comercialização de louça e a actividade da empresa caiu a pique. Sem vendas, os armazéns ficaram lotados e a abarrotar de peças. Ademais, com a grande disponibilidade de pessoal sem actividade na fábrica, a Vista Alegre colocou as suas pessoas ao serviço dos ideais do fundador e entrou activamente no conflito. Ao mesmo tempo, para escoar os elevados stocks, a empresa baixou os preços e começou a vender pratos a preços mais acessíveis. A campanha foi um êxito que divulgou de tal maneira a marca e a utilização dos seus produtos que, a partir daí, a visibilidade da Vista Alegre cresceu de tal forma que hoje não há casa ou família em Portugal que não guarde um serviço ou peças da Vista Alegre.

Carapuços com hino

O batalhão da vista Alegre apresentou-se em 28 de Outubro de 1846 à Junta do Porto e, a 16 de Novembro, tomou parte na acção de Valpaços. Quando entrou no Porto, o Visconde de Sá da Bandeira colocou-se assumidamente à frente do batalhão, com o intuito de reconhecer o seu contributo na guerra da Patuleia, e também como forma de honrar o Batalhão da Vista Alegre. As praças deste batalhão tinham farda própria e pela narrativa de Camilo Castelo Branco, no seu livro “Maria da Fonte”, usariam barretes (carapuços) em vez de bonés...

Esses tempos conturbados terminariam, mas a fábrica ficaria sempre do lado popular e manteria como seu hino o hino da Maria da Fonte: *“E avante portuguesas / E avante não temer / Pela santa liberdade / Triunfar ou perecer”*.

Tamancos à medida

Um exemplo pioneiro de reciclagem e reaproveitamento de materiais foi, no passado, a política de fornecimento de tamancos aos trabalhadores pela própria fábrica. A empresa impedia a entrada de operários descalços nas suas instalações e, para ajudar quem não podia comprar sapatos, fabricava os próprios tamancos usados pelos operários. Inicialmente feito à medida, este calçado era feito usando uma base de madeira e uma tira de lona. Para a sua confecção eram usadas as tábuas dos caixotes usados no transporte de louça, que eram cortadas à medida e revestidas com borracha e, por sua vez, a lona usada no processo de fabrico da pasta, também era aproveitada, sendo cortada em tiras para aplicar na madeira e formar o calçado, as tradicionais tamancas. É de notar o avanço da solução encontrada, numa altura em que a reutilização de material não era prática comum.

Caco gazeta

A preocupação com a reciclagem esteve sempre no pensamento da empresa. Bom exemplo surgiu com a reutilização das gazetas usadas pela Fábrica para cozer peças de porcelana. Quando deixavam de ser utilizadas para o fabrico eram aplicadas nas ruas da urbanização, criando uma valeta para escoamento de águas e funcionando como um remate de pavimento que se tornou moda no Bairro da Vista Alegre. Foi uma técnica que caiu em desuso, mas ainda hoje é possível admirar este tipo de pavimento em vários locais do Terreiro que foi recentemente recuperado.

Caulino embarcado

Em 1832, ainda a fábrica não tinha encontrado o caulino adequado para o fabrico da porcelana, mas todos diligenciavam encontrá-lo e pediam-se afincadamente amostras de barro branco de todo o país. Foi nessa altura que o então aprendiz da fábrica, Luiz Pereira Capote, travou conhecimento com um rapaz de Val Rico que tinha vindo à feira da Vista Alegre. Na conversa, reparou que o moço trazia da sua terra uma amostra que lhe pareceu ser do barro que se procurava e que lá era usado para caiar casas... Experimentou-se e verificou-se ser o caulino que permitiria iniciar o fabrico da porcelana. Excelente descoberta, tanto mais que num local relativamente perto da fábrica e onde era fácil embarcá-lo e fazê-lo chegar sem dificuldade à fábrica. Luiz Pereira Capote era natural de Ílhavo, fez carreira na fábrica e viria a falecer em 1870.

Caminho-de-ferro desviado

Os camelos garantiram o transporte de louça para Lisboa e Porto até ao advento do comboio. Quando a linha férrea Lisboa - Porto se completou, os camelos viram restringida a sua actividade à condução de lenha para a fábrica.

A passagem do caminho-de-ferro por Aveiro, provocando um significativo desvio de trajecto para o litoral, face traçado da então estrada real, não optando pela solução próxima da linha natural de Águeda, Albergaria e Oliveira de Azeméis, ficou a dever-se a um filho do fundador da fábrica, também José Ferreira Pinto Basto, que promoveu junto do deputado José Estevão, oriundo de Aveiro, a bondade desta solução para a melhorar a economia da região e que o deputado defendeu perseverantemente até ao sucesso da opção. Este desvio do caminho-de-ferro veio a revelar-se decisivo para o futuro da fábrica.

Labirinto...com saída

Para além do material facultado voluntariamente e sob diferentes formas pela Fábrica, os operários aproveitavam alguns produtos sem conhecimento oficial da empresa. Por trás da Fábrica, nos terrenos junto à ria, pelo menos até ao século XX, existia um espaço a que chamavam de “labirinto”. Aqui eram partidas as peças com defeito ou não utilizadas. Parte destes produtos, apesar de imperfeitos, podiam ainda ser usados, na opinião de alguns. Era, por isso, prática comum as pessoas irem para o “labirinto” procurar o que ainda pudesse ser aproveitado.

E tudo o vento levou...

Um enorme progresso para as acessibilidades da fábrica foi a ponte de madeira mandada construir pelo fundador ligando as duas margens da ria, pela estrada dos Álamos às Gafanhas. A primeira passagem por essa ponte está documentada em desenho de Rousseau, intitulado “Fête au desert non loin d’une ile”, que representa a chegada ao areal da Gafanha do carro em que José Pinto Basto e suas filhas atravessaram a ponte sobre a ria, acabada de construir a 11 de Agosto de 1835. Ponte que, pouco tempo depois, foi destruída por um vendaval, como se pode recordar num outro desenho de Rousseau intitulado “Avantages d’un pont”. E tudo o vento levou... assim a fábrica ficaria sem ponte por mais de um século, até ao último quartel do século XX.



Desenho de Victor Rousseau
“Fête au désert non loin d’une ile” - 1835



Desenho de Victor Rousseau
“Avantage d’un pont” - 1835